



## O capitalismo é crise Combater a crise é combater o capitalismo

Continua, por enquanto imparável, o ataque sistemático às condições de vida dos trabalhadores e outras camadas sociais oprimidas em Portugal, como em toda a Europa, Ásia, Américas e restantes regiões do planeta. Desde a chamada crise do sistema financeiro mundial em 2008 (crise para a maioria, mas grande oportunidade de negócios para uns tantos), provocada pelo investimento em créditos de alto risco que todos sabiam não poderem ser pagos, em que milhões e milhões de dólares foram injectados nos bancos para os “salvar” e “repor o crédito a funcionar”; desde essa altura que, e agora quase diariamente, são anunciadas novas medidas para “combater a crise”: redução dos gastos em saúde e apoios sociais, congelamento e redução na prática dos salários, agravamento das condições de acesso aos subsídios de rendimento mínimo e de desemprego e sua redução, imposição de aceitação de novos “empregos” por mais aviltantes que sejam as condições de trabalho propostas, generalização do trabalho precário, supressão de subsídios vários, aumento de impostos sob várias fachadas, etc, etc.

Claro que este ataque draconiano à bolsa e à vida não é para todos, basta lembrar os quatro milhões de euros de lucro diário de quatro dos maiores bancos a operar em Portugal nos primeiros meses deste ano, ou os milhões de euros de remunerações anuais de alguns gestores portugueses, como é o caso do Sr. Mexia, presidente da EDP, que ainda tem descaramento suficiente para dizer que, se recebe toda essa maquia, é porque a merece...

(continua na página 4)

## 1º Maio Antiautoritário e Anticapitalista em Setúbal



(página 8)

## Solidariedade com os 11 processados do 25 de Abril de 2007

(página 3)

## Apodrecimento

Para dizer a verdade, até os poderosos começam a ficar espantados com a falta de reacção popular à miséria crescente e toda a gente pensa que, mais tarde ou mais cedo, vai ter que acontecer qualquer coisa, seja ela o que for e venha de onde vier. Enquanto isso, tudo decorre como habitualmente, pelo menos para aqueles que ainda se podem dar ao luxo de dizer que conseguem manter uma existência normal.

*Aparatchiks* insípidos sucedem-se no poder, rodando, como se tornou habitual, entre os gabinetes das grandes empresas e os dos ministérios, exibindo o seu sorriso de plástico diante das câmaras e lendo discursos que não escreveram enquanto se avolumam nas suas costas problemas cuja resolução se situa bastante além da sua mediocridade e que preferem ignorar ou deixar para a próxima leva de incapazes que venha a ocupar os acolchoados assentos do Poder. Os escândalos de corrupção vão estoirando uns atrás dos outros, cobrindo de lama a quase totalidade do espectro político português (só escapa quem não é suficientemente grande para ter veleidade de tais pecados...), e o “partido abstencionista” já se tornou há algum tempo no vencedor incontestado de todos os actos eleitorais mas, por enquanto, a máquina democrática continua a funcionar e os sucessivos orçamentos de austeridade, que já se tornaram parte da paisagem porque um capitalismo continuamente em crise carece de ser socorrido às custas do défice das contas públicas de uma forma não menos contínua, vão sovando a classe trabalhadora com uma violência crescente sem que tal suscite uma oposição digna sequer desse nome.

(continua na página 5)



### **Braga – Greve nos transportes urbanos termina com “cedência” do patrão, mas dependente de pareceres jurídicos...**

Os motoristas dos **Transportes Urbanos de Braga** entraram em greve no dia 22 de Março, prevista para durar dois dias, porque a administração dos TUB, abruptamente e sem qualquer aviso, cortou dos seus vencimentos o subsídio de agente único (25% sobre o salário e o subsídio de férias), que desde há 10 anos recebiam por terem passado a acumular a função de cobrador com a de motorista.

A administração, que se dizia intransigente quanto a esse corte, no segundo dia da greve veio comunicar que “cedia” à reivindicação dos grevistas, após quatro horas de “negociação” com os dois sindicatos envolvidos – o Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local e o Sindicato dos Transportes Rodoviários e Urbanos de Portugal.

E o que tinha sido negociado? A reposição do subsídio? Nada disso. A “solução” encontrada seria fazer transitar o valor do subsídio para o subsídio de abono de faltas do 13º mês. Seria, porque, como a própria existência do subsídio de agente único poderia vir a ser considerada ilegal, até isso ficaria dependente da avaliação da respectiva legalidade. E agora? Bem, é ficar à espera dos pareceres já pedidos aos gabinetes jurídicos dos sindicatos, da Câmara Municipal e da Autoridade para as Condições do Trabalho, e ainda, certamente, esperar por uma qualquer decisão dum qualquer tribunal!

Quanto a nós, esta actuação mostra bem o que sucede quando os trabalhadores ainda acreditam que podem ser as estruturas burocratizadas e reformistas dos actuais sindicatos a resolverem os seus problemas, tomando decisões em seu lugar. Os interesses dos trabalhadores só podem ser devidamente acautelados pelos próprios trabalhadores, se se auto-organizarem e não delegarem a solução dos seus problemas em quem não seja mandatado para tal, e com um mandato explícito e limitado no tempo. Os cheques em branco saem sempre bem caros, e ainda mais

quando são passados a pessoas que, muitas vezes, já não são trabalhadores como os outros, mas trabalhadores que passaram a ter alguns privilégios pelo seu activismo sindical, quando não passaram mesmo a ser profissionais do sindicalismo, ou seja, profissionais das lutas dos outros.

Uns e outros, aprendizes de sindicalista já tendo mais ou menos privilégios na empresa ou sindicalistas a cem por cento, remunerados e já totalmente burocratizados, inevitavelmente passam a defender a sua própria existência enquanto casta mais ou menos privilegiada, que, através do seu activismo sindical, lá conseguiu subir uns tantos degraus na escala social às costas, ou seja à custa, dos seus antigos camaradas de trabalho.

Enquanto não nos dotarmos de formas de organização que não dependam da “bondade” de ninguém, enquanto a nossa acção não se basear unicamente nas nossas assembleias e em delegados mandatados explicitamente para o que necessitarmos, continuaremos a ver goradas as nossas esperanças de, pelo menos, mantermos as nossas actuais condições de vida, ou até melhorá-las, e podermos pensar em avançar para lutas mais globais contra o sistema capitalista que nos oprime e explora, nas quais será decisiva a utilização da arma da solidariedade e da ajuda-mútua entre trabalhadores.

### **Castro Verde – Os mineiros de Neves-Corvo em greve pelo aumento do subsídio de trabalho no fundo da mina**

Os trabalhadores das minas de **Neves-Corvo** (da Somincor, grupo Lundin Mining Corporation), em Castro Verde, suspenderam, no dia 1 de Abril, a greve que durava há 45 dias pelo aumento do subsídio de trabalho no fundo da mina e o pagamento de 50% ainda em falta do dia de 4 de Dezembro. Os 250 trabalhadores mineiros da Somincor, num total de 900 trabalhadores da empresa, estiveram em greve duas horas por dia em cada turno. A suspensão da greve foi decidida após “promessa” da administração da Somincor em “encetar negociações”. Claro que esta promessa saiu gorada e os trabalhadores do fundo da mina decidiram, em 18 de Abril, avançar para nova greve durante o mês de Maio. De greve parcial em greve parcial, a empresa vai levando a água ao seu moinho, tanto mais que os objectivos da greve, além de limitada por ser parcial, apenas interessam a uma parte dos trabalhadores da Somincor, o que contribui para a sua divisão face ao patrão.

### **Évora – Trabalhadores da Kemet Electronics fazem greves por aumentos salariais**

Os 400 trabalhadores da **Kemet Electronics**, em Évora, fizeram uma greve durante quatro dias, de 22 a 25 de Março, de duas horas em cada turno, reivindicando aumentos salariais, pois os seus ordenados não são actualizados há 3 anos, e também

para terem 22 dias de férias e não apenas 16. Em 29 e 30 de Abril, entraram novamente em greve pelos mesmos motivos.

No entanto, como a empresa se recusa a negociar, foram feitos contactos com a governadora civil e o presidente da Câmara Municipal de Évora, como se o êxito da luta dos trabalhadores dependesse da intervenção de quaisquer governantes. Esta delegação, na prática, da solução dos problemas laborais nos representantes do poder central e autárquico não augura nada de bom para os trabalhadores da Kemet Electronics, que estão a caminho de trocar a luta directa contra quem directamente os explora pelo pedido de intervenção dos representantes do poder na solução dos seus problemas.

### **Covilhã – Trabalhadores das Minas da Panasqueira em greve por aumentos salariais**

Os trabalhadores das **Minas da Panasqueira**, empresa com 320 trabalhadores e que se dedica à extracção de volfrâmio, têm vindo a fazer greves pela actualização dos salários, como foi o caso em 23 e 24 de Março, e preparavam-se para nova greve entre 23 e 30 de Abril. Porém, a administração da empresa acabou por ceder no próprio dia 23, actualizando os salários com retroactivos a Janeiro, e esta última greve foi cancelada.

### **Aveiro – Trabalhadores da Renault-CACIA em greve por aumentos salariais**

Os trabalhadores da **Renault-CACIA**, em Aveiro, entraram em greve parcial em 18 de Janeiro, primeiro de meia-hora e depois de uma hora a meio de cada horário de trabalho, estando também em greve ao trabalho extraordinário, reivindicando aumentos salariais e um prémio suplementar, dado não terem tido quaisquer aumentos em 2009. A situação de greve mantinha-se no início de Março, admitindo os trabalhadores, face à intransigência da administração da empresa, virem a adoptar formas de luta mais duras. A Renault-CACIA emprega cerca de 1.100 trabalhadores.

### **Vila do Conde – Os trabalhadores da ex-Maconde são despedidos sem pagamento dos salários em atraso**

Os 394 trabalhadores da **Macvila e Mactrading** (ex-Maconde) acabaram por ir sendo despedidos sem receber os salários em atraso, apesar das greves sucessivas que fizeram para receberem os ordenados de Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Primeiro, a **Macvila** entrou em processo de insolvência em Fevereiro e fechou em Março e, a seguir, a **Mactrading** seguiu o mesmo caminho e já despediu 80 dos 150 trabalhadores que restavam, preparando-se para fechar as portas definitivamente.

## S. João da Madeira – A Oliva é encerrada por decisão judicial

Em 15 de Abril, o Tribunal de S. João da Madeira decidiu encerrar a metalúrgica **Oliva** (Grupo Suberus), do que resultou o despedimento dos seus 185 trabalhadores, apesar destes terem tentado impedir este desfecho, através de concentrações frente à porta da empresa.

## Viana do Castelo – A venda do recheio da Regency não chega para pagar salários em atraso

A **Regency**, fábrica têxtil de Vilarelho, Caminha, Viana do Castelo, e principal empregadora de todo o concelho de Caminha, entrou em insolvência em Dezembro passado. Através deste expediente, a empresa ficou desobrigada de pagar as indemnizações aos seus 174 trabalhadores até que os tribunais, com a participação dos trabalhadores enquanto “credores”, decidissem o que fazer com a

empresa. Como de costume, o resultado foi o não pagamento das indemnizações, por não ficarem cobertas com o valor dos bens já vendidos (o recheio da fábrica), no início do mês de Abril. Resta a venda do edifício da fábrica e, entretanto, vão passando os meses...

## Coimbra – Encerram as cerâmicas Poceram e Ceres

As cerâmicas **Poceram**, em Cernache, e **Ceres**, em Torre de Vilela, fecharam no início de Abril, tentando agora os seus 350 operários receber as indemnizações a que têm direito devido à suspensão dos seus contratos de trabalho.

## Algarve e Lisboa – Supermercados Alisuper fecham

Em 30 de Abril a **Alisuper** (grupo Alicoop) encerrou as últimas 16 lojas que ainda mantinha abertas. A Alisuper tinha um total de 81 lojas, 70 no Algarve e 11 em

Lisboa. A empresa já se encontrava em insolvência desde Agosto do ano passado. Com o fecho destes 16 supermercados, são mais 58 trabalhadores atirados para o desemprego, que se juntam aos 380 que tiveram os seus contratos de trabalho suspensos em Março. Na origem da decisão de fechar as lojas está a recusa da CGD, um dos credores da Alisuper, em viabilizar a empresa, de nada tendo servido as concentrações de trabalhadores feitas frente à sede do banco em Lisboa.

## Palmela – A Lear fecha e despede 270 trabalhadores

A **Lear**, de Palmela, que se dedicava ao fabrico de capas para assentos de automóveis, fecha definitivamente as portas em Abril, através do despedimento colectivo dos seus 270 trabalhadores. A Lear Corporation já tinha encerrado outras duas fábricas, de Valongo e de Póvoa do Lanhoso, em 2005 e em 2006.

# Acções de solidariedade com os 11 processados do 25 de Abril de 2007

Enquanto continua o julgamento movido pelo Estado português contra as onze pessoas detidas aquando da carga policial sobre a manifestação antiautoritária contra o fascismo e o capitalismo em 25 de Abril de 2007 (ver mais informações nos números anteriores do Boletim Anarco-Sindicalista), sucedem-se as acções de solidariedade contra este processo. De várias partes do mundo vão chegando demonstrações de apoio e relatos de acções de solidariedade.

Numa altura em que, por todo o lado, o punho do poder tenta esmagar a contestação antiautoritária e anticapitalista a um sistema cuja essência é a exploração e a opressão, são notáveis os esforços que os nossos companheiros de luta em todo o mundo vêm fazendo para contrariar mais esta tentativa repressiva.

## Apelo à solidariedade

No dia 25 de Abril de 2007 teve lugar na Baixa de Lisboa uma manifestação anti-autoritária contra o fascismo e o capitalismo, em protesto contra a crescente influência dos grupos fascistas em Portugal e contra a tentativa de reabilitar a figura do ex-ditador, António de Oliveira Salazar. Nessa altura foram publicados vários livros sobre Salazar e foi inaugurado um museu em Santa Comba Dão, localidade natal do ditador. Um concurso de televisão, destinado a fomentar as atitudes nacionalistas e chauvinistas entre os portugueses, conseguiu mesmo eleger Salazar como “o maior português de todos os tempos”. Além disso, o PNR, um partido de extrema-direita, envolvido com grupos de skins nazis, começou a mostrar sinais de grande actividade, com uma campanha em grande escala de promoção da xenofobia e várias manifestações de rua, uma das quais teve lugar, como provocação, num conhecido bairro de imigrantes no centro de Lisboa.

Como resposta ao crescimento das forças e atitudes reacionárias na sociedade portuguesa, teve lugar uma grande manifestação no dia da comemoração da “Revolução dos Cravos”, o 25 de Abril, quando a ditadura fascista foi derrubada. A manifestação reuniu mais de 500 pessoas, atravessou o centro de Lisboa, sendo sempre

seguida de perto pela polícia, e parou no Largo de Camões, onde a maioria das pessoas dispersou. De lá, começou uma segunda manifestação e, quando os manifestantes estavam a descer a Rua do Carmo, o Corpo de Intervenção da Polícia de Segurança Pública (PSP) fechou todas as saídas da rua, encurralando os manifestantes, e carregou violentamente sobre eles. Várias pessoas ficaram feridas, algumas delas com gravidade, e 11 manifestantes foram detidos e enfrentam actualmente um julgamento, por alegada desobediência civil, injúrias e agressões a agentes policiais, arriscando penas entre os seis meses e os cinco anos de prisão.

**Apelamos à solidariedade com os 11 inculcados e ao protesto contra esta farsa judicial, à divulgação de informação sobre esta situação e ao envio de cartas, faxes e e-mails de protesto ao Tribunal onde está a decorrer o julgamento.**

### Direcção do Tribunal:

1º Juízo Criminal  
Av. D. João II, nº 1.08.01 - Bloco B  
1990-097 Lisboa  
Portugal

E-mail: lisboa.jcr1@tribunais.org.pt  
Telefone: (+351) 213 505 500  
Fax: (+351) 211 545 164



- No dia 28 de Abril companheiros da CNT-AIT em Salamanca manifestaram-se em frente do Consulado de Portugal nesta cidade, distribuindo informação aos transeuntes e entoando cânticos contra o Estado português e a polícia, apesar da proibição policial do uso do megafone.

- No dia 29 de Abril, membros do sindicato estudantil “Acção Directa” na Ucrânia entregaram uma carta de protesto ao embaixador de Portugal em Kiev.



- No dia 15 de Maio, companheiros da CNT-AIT concentraram-se no Consulado de Portugal em Barcelona, distribuindo 2000 panfletos e informando do motivo da concentração através de um megafone.



# O capitalismo é crise

## Combater a crise é combater o capitalismo

(continuação da página 1)

Enquanto isto, pelo menos em Portugal não se vislumbra qualquer reacção palpável a este agravamento constante da nossa situação. Toda a “resposta” se tem cingido, no nosso país, à luta política, parlamentar, por vezes apoiada numa ou noutra manifestação de rua bem controlada, entre os vários partidos que mais não fazem do que disputar o poder e as suas múltiplas benesses entre eles. Da esquerda à direita, como partes distintas que são da mesma coisa e consoante as vantagens do momento, limitam-se, por vezes, a criticar os “excessos” do sistema capitalista na esperança de se tornarem eles próprios os seus futuros gestores e principais beneficiários.

Não admira que os políticos, tal como os burocratas sindicais, não ponham em causa o próprio sistema capitalista que os alimenta enquanto casta privilegiada, pois tratam de assegurar a sua própria sobrevivência enquanto tal.

O que já poderá surpreender é que a grande maioria dos trabalhadores e deserdados não tenha já começado a encarar a recusa total deste estado de coisas, não tenha já percebido que o capitalismo é crise, que para combater a crise será preciso combater o capitalismo, que é preciso lutar contra a opressão e a exploração actual e as tentativas constantes do seu agravamento, claro, mas com a perspectiva de destruição do próprio sistema económico, político e social que as engendra e nelas se baseia.

Com esta perspectiva, fácil é concluir que só poderemos lutar, com êxito, pela salvaguarda e melhoria das nossas condições de vida, se nos auto-organizarmos independentemente dos partidos políticos e dos sindicatos burocrático-reformistas, decidindo e actuando com base nas nossas próprias assembleias (de trabalhadores, de desempregados, de precários, de moradores, por exemplo), não delegando

em ninguém a capacidade de decidir sobre aquilo que nos afecta, nem permitindo a existência de profissionais da política ou do sindicalismo. Será também necessário articular, através da livre federação, as várias assembleias locais a nível local, regional, nacional e internacional, pois, tal como o capital não tem pátria, tão pouco os trabalhadores a têm, e só através da ajuda-mútua e da solidariedade conseguirão acabar de vez com esta sociedade iníqua e substituí-la por uma outra, baseada na igualdade social, onde não haja lugar para qualquer espécie de privilégios nem separação entre os que trabalham e os que mandam trabalhar os outros.

Em nossa opinião, mais uma vez se evidencia a justeza do lema da Primeira Internacional: **A emancipação dos trabalhadores só poderá ser obra dos próprios trabalhadores!**

António Mota



António Mexia, CEO da EDP

## António Mexia: 1 milhão de euros em 2007 – 3,1 milhões de euros em 2009

Decididamente, a “crise” não tem corrido nada mal para o Sr. António Mexia, presidente da EDP.

Já no *Boletim Anarco-Sindicalista* nº27 (de Junho-Julho 2008), no artigo *Os salários deles*, fizemos as contas relativamente ao **milhão de euros** que ele ganhou em 2007 e verificámos que um trabalhador que recebesse 500 euros/mês, tivesse a sorte de auferir 13º e 14º mês e tivesse um emprego estável, ao fim dum ano ficar-se-ia pelos 7.000 euros, e para atingir o milhão de euros que o Sr. Mexia ganhou nesse ano, teria de trabalhar nada menos que **142 anos e uns meses**.

Fazendo as contas para 2009, o mesmo trabalhador dos 500 euros/mês teria de trabalhar... **442 anos e mais alguns meses** para atingir os **3,1 milhões de euros** embolsados pelo Sr. Mexia nesse ano.

**Até nos parece ouvir o Sr. Mexia a dizer, intrigado, para os seus botões: Crise? Qual crise?**



## 1º de Maio de 2010: Memória e Acção

O **1º de Maio** não pode ser mais uma memória reinventada pela história que a sociedade capitalista tenta difundir como forma de confirmar o tipo de valores que a sustêm. São estes os valores da exploração do homem pelo homem, da produção e consumo sem limites, do esvaziamento e alienação das nossas vidas enquanto condição necessária e inquestionável quando se tem como horizonte uma ideia de prosperidade alimentada pelas crises sucessivas do capitalismo. É com esta roupagem amarga que a festa do 1º de Maio desfila anualmente pelas ruas!

Uma data como o dia do trabalhador, transformou-se em entretenimento, mais

uma festa infeliz promovida pelos sindicatos institucionais que trocam a luta anticapitalista ao lado dos explorados pelo poder político, pelas relações partidárias, mantendo as suas hierarquias, as suas lógicas autoritárias, tratando de arrefecer possíveis focos mais combativos que possam pôr em causa o sistema no qual se inserem e do qual dependem.

O **1º de Maio** é uma data, pelo contrário, que surge em memória daqueles que viram e vêm a sua existência profundamente desumanizada pela lógica de uma produção material frenética, da recusa de uma vida de exploradores e explorados, pelos que lutaram e lutam

contra o capitalismo. O discurso do capitalismo, por seu lado, tenta esvaziar de sentido visões alternativas do homem e do mundo e sempre premiou com sangue o questionamento e a recusa das vias de controlo e dependência capitalistas.

Contra um **1º de Maio** instituído que comemora a exploração laboral, a opressão e a hipocrisia dos sindicatos perante este sistema, contra uma sociedade capitalista e autoritária, de vencedores e vencidos, propomos a recuperação da rua enquanto espaço onde há um combate a travar por uma existência autónoma e, por isso, livre.

Recuperemos o espaço da rua como queremos alargar o espaço das nossas vidas!

Anarcrónica

# Apodrecimento

(continuação da página 1)

Reina sobre a classe trabalhadora portuguesa uma opressão que a calca até ao mais absoluto mutismo e dir-se-ia que não existem limites para os desmandos e a arrogância dos patrões. Quem protestar sabe que fica sem trabalho, num quadro económico onde o desemprego se tornou num dado adquirido. O fardo da sobrevivência do débil capitalismo português, cada vez mais pesado, é colocado pelo patronato, com a natural e evidente bênção do Estado, inteiramente sobre os ombros de uma classe trabalhadora que começa a dar sinais de estar sucumbir à carga. Incapazes de descobrirem um futuro na sua própria terra, ei-los que partem uma vez mais. A emigração de massas reactivou-se em força e está actualmente a atingir os níveis dos anos 60, antes do Salazarismo colapsar. Por seu turno, as comunidades de imigrantes, fustigadas por uma taxa de desemprego que é o dobro da oficial, começam a evaporar-se, caindo por vezes para apenas 1/6 dos números que tinham no início da década, enquanto os filhos dos que ficam descobrem que são uma geração perdida. Esta geração de desesperados causa medo e a classe dominante vê nela material facilmente inflamável para incêndios sociais e por isso o pavor de que os “extremistas” comecem a penetrar nos bairros faz-lhe gelar o sangue.

Já não existe indústria, nem pescas, nem agricultura, nem coisa nenhuma e as crises sucessivas actuam sobre o capitalismo português, não como a “destruição criadora” dos economistas liberais, mas como uma prolongada morte por lapidação, onde o Capital emerge da crise numa posição sempre mais débil e enfraquecida do que anteriormente. A própria taxa de desemprego tende a subir por patamares, jamais caindo novamente para os valores anteriores à última sangria económica. Prevê-se que a actual situação se vá manter, pelo menos, até ao fim desta década. Em face de tudo isto, a idiotia oficial põe as suas esperanças no turismo...

É neste contexto que um pobre cartaz consegue pôr o país inteiro em sobressalto... A Rede Libertária já tinha tido bem mais do que os seus cinco minutos de fama anteriormente, mas agora o vasculhar de uma polícia hiperactiva, aliado ao discurso de alarme dos jornais, para os quais tudo serve para alertar os seus leitores para os

perigos do “extremismo” emergente, catapultaram-na novamente para a ribalta. É que agora alguns anarquistas anónimos – pelo menos tão anónimos quanto um anarquista o consegue ser neste país, posto que alguns já tiveram a sua ficha exposta no jornal e, além disso, segundo veio noticiado anteriormente no Jornal de Notícias, o processo da Manifestação do 25 de Abril de 2007 foi usado para a criação de uma espécie de ficheiro político, como nos *bons velhos tempos* do professor de economia de Santa Comba Dão – nos são apresentados enquanto grave perigo para a ordem pública e responsáveis por ameaças de morte dirigidas às mais altas figuras do Estado.

A verdade por trás do ataque de pânico policial-mediático? Pouca coisa. Quando

quem se der ao trabalho de ler os comentários feitos a essas notícias nos sites dos jornais, encontra mais comentadores a criticar o exagero do circo mediático ou a afirmar que, dado a forma como as coisas estão, não ficariam espantados se acontecesse algo semelhante, do que a condenar os ameaçadores extremistas ou a exigir a sua cabeça no cepo judicial. Portanto, ficamos a saber aquilo que já sabíamos: que as pessoas não estão satisfeitas. Também não é algo que os jornais ou a própria polícia ignorem, como é evidente.

Se uma pessoa se der ao cuidado de pelo menos olhar para o dito cartaz (que os *media* reproduziram), torna-se evidente que não existe nele nenhuma ameaça dirigida seja a quem for. Trata-se, quanto muito, de um resmungo. É tudo. Portanto, o que se passa aqui? Poderia parecer que os jornais estão apenas a agir como mera câmara de eco policial mas, se assim fosse, um pouco de sentido crítico teria bastado para evitar toda esta histeria, mas as coisas são diferentes: para os *media*, isto é apenas uma oportunidade a aproveitar para alertar a burguesia para ter cuidado com os inimigos da ordem dominante que, dada a gravíssima situação do país, podem encontrar eco favorável entre as camadas mais oprimidas da população. O tema recorrente (e completamente inventado) da suposta infiltração anarquista nos chamados “bairros de risco” é, a esse respeito, bastante esclarecedor. O resto

é pura calúnia para desqualificar o mais possível os anarquistas aos olhos de quem ler o jornal e ampliar a noção de perigo, para forçar uma acção e justificar as derivas pidescas de uma democracia que começa a dar sinais de senilidade aos trinta e seis anos de idade. Assim, vimos enfiar-se a partir do nada uma gigantesca conspiração à qual não faltou nem uma extensa rede organizada com ligações ao estrangeiro, financiada, quem sabe, com o proverbial *ouro de Moscovo* (ou, para o caso, de Tessalónica), manuais operacionais e conspiradores a agir na sombra, preparados para semear a insurreição nas Covas da Moura e quejandos assim que um corifeu qualquer numa obscura *cofeeshop* de Amsterdão estalar os dedos. Daria um excelente filme mas, enquanto anarquistas que somos, lamentamos informar de que seria um filme de ficção.



Kuku, um rapaz de 15 anos, foi abatido por um polícia à queima-roupa (como se veio mais tarde a descobrir), alguém publicou um cartaz onde se lia “a estes nenhum polícia lhes dá um tiro na cabeça. Porque esperam?”. Acompanhando o texto, estavam as fotos de Cavaco Silva e José Sócrates. A polícia teve a sua oportunidade e não tardou em aproveitá-la. Disseram ter descoberto a partir de que computador tinha sido publicado o cartaz e prontamente o apreenderam, assim como alguma “literatura de cariz extremista” que foram encontrando pelo caminho. Isso foi há cerca de um ano mas, subitamente, alguém se lembrou agora de enviar esta informação para os jornais. Curiosamente, a notícia aparece no Correio da Manhã, jornal de maior tiragem, e não no Diário de Notícias, como já vem sendo da praxe, ainda que este último não tenha tardado em recuperar o tempo perdido. Uma campanha de medo que não seja constantemente reforçada esmorece, como bem se sabe. Contudo,

# Resumo e actualização do caso dos 6 de Belgrado

**Reproduzimos a tradução para português de uma declaração da Iniciativa Anarco-Sindicalista (ASI), secção sérvia da AIT, datada de 4 de Abril de 2010, sobre o caso dos 6 de Belgrado e a repressão exercida pelo Estado da Sérvia sobre o movimento libertário. Apela-se à realização de acções de protesto que conduzam ao fim da repressão sobre os anarquistas neste país.**

A classe dirigente da Sérvia continua a repressão reforçada contra o movimento libertário, uma repressão que teve início com a detenção dos seis de Belgrado – Sanja Dojkić, Tadej Kurepa, Ratibor Trivunac, Ivan Vulović, Nikola Mitrović e Ivan Savić – em Setembro de 2009. O grupo “Crni Ilija”, até então desconhecido, reivindicou a responsabilidade pelo lançamento de duas garrafas de líquido inflamável no pavimento perto da Embaixada da Grécia em Belgrado, como reacção contra o tratamento desumano dado pelo Estado Grego aos rebeldes, causando danos à Embaixada no valor de 18 euros. Os media do regime, apoiados pelos analistas do regime e por “fontes bem informadas”, lançaram uma perseguição contra a única organização anarquista que actua publicamente na Sérvia – a Confederação Sindical “Iniciativa Anarco-Sindicalista” (ASI), secção da Associação Internacional dos Trabalhadores. Aquilo que começou como uma especulação mediática sobre a ligação entre a ASI e os acontecimentos da Embaixada foi completado com a detenção de quatro membros do grupo local da ASI em Belgrado e de outros dois anarquistas desta cidade e, mais tarde, após a intervenção de “altos cargos”, com o agravamento da primeira acusação para a de crime de “terrorismo internacional”. Os 6 de Belgrado passaram cerca de cinco meses e meio em terríveis condições de isolamento e de tortura na Prisão Central de Belgrado.

A reacção à manifesta arrogância e às visíveis acções repressivas do Estado, reflectidas na fabricação de provas contra os anarquistas e na absurda qualificação desta acção como “terrorismo internacional”, serviu de base para a mobilização massiva da opinião pública crítica contra este processo, que foi imediatamente rotulado como um processo político contra os críticos do regime. Durante o período em que os 6 de Belgrado permaneceram sob custódia, a opinião pública, tanto na Sérvia e na sua região como no mundo inteiro, reagiu energicamente contra o comportamento das autoridades sérvias. Além de grande número de petições públicas e de cartas de protesto, o movimento libertário organizou uma série de acções de protesto – na Sérvia, bem como na Croácia, Macedónia, Eslovénia, Polónia, Eslováquia, Portugal, Áustria, Austrália, Grã-Bretanha, Rússia, Ucrânia, Grécia, República Checa, Holanda, Bulgária, Alemanha, Hungria, Itália, França, Turquia, EUA, Suíça, Suécia, Espanha, etc... Os protestos e actividades de apoio aos anarquistas presos contaram com a participação de muitos intelectuais,

artistas e figuras públicas, críticos de todo o território da antiga Jugoslávia. O interesse provocado pelo caso e a pressão pública desempenharam, sem dúvida, um papel crucial na revogação da detenção dos 6 de Belgrado. Durante a primeira audiência, que teve lugar no dia 17 de Fevereiro, à qual tentaram assistir mais de 200 pessoas da Sérvia e de outros países, o tribunal decidiu pela revogação da detenção preventiva após ouvir as declarações dos réus, permitindo aos anarquistas acusados a continuação da sua defesa em liberdade.

Apesar da vitória obtida com a libertação dos acusados, que possibilita a sua defesa em liberdade, o Estado, durante todo o período de detenção, durante o julgamento e após o mesmo, demonstrou claramente que não pretende reduzir a pressão sobre a ASI e sobre o movimento libertário em geral. Logo no final de Outubro de 2009, três membros do grupo local da ASI em Vršac – Ivan Feher, Nenad Horvat e RK – foram detidos por colarem cartazes com a frase “Liberdade para os anarquistas detidos” num local próprio para este fim. As autoridades montaram contra eles um processo criminal com a acusação do recente e muito controverso crime de “obstrução à justiça”. Um processo pelo mesmo crime foi também movido contra outros dois anarquistas – Rada Živadinović, cidadão sérvio residente em Viena, e Davor Bilić, de nacionalidade croata – que se deslocaram a Belgrado por ocasião do julgamento para manifestar apoio aos companheiros presos. Na entrada do tribunal, desdobraram um papel com a frase escrita à mão “Anarquismo não é terrorismo” e afixaram-no contra a janela da sala da audiência durante alguns segundos. Os dois foram imediatamente detidos pela polícia, permanecendo detidos por um período superior ao legalmente permitido, após o que foram libertados, mas acusados de “obstrução” e com os seus passaportes confiscados. Há mais de um mês e meio que estão impedidos de sair da Sérvia, tendo as investigações demonstrado que o juiz Dragomir Gerasimović não foi obstruído no desempenho das suas funções por esta acção. Apesar disto, a procuradora do ministério público Svetlana Nenadić decidiu, a 23 de Março, a instauração de mais um processo político, que desta vez se destaca pelo facto de não haver nenhuma parte lesada. Após ter sofrido uma primeira derrota no julgamento, o Estado decidiu utilizar formas alternativas de repressão e intimidação contra os anarco-sindicalistas. No início de Março, surgiram cartazes com o título “Conhece os teus vizinhos! Conhece os inimigos da Sérvia!” perto da entrada de um bloco de prédios em Belgrado. No

cartaz figurava a fotografia de um dos anarco-sindicalistas de Belgrado acusados, Ivan Vulović, que vive no bloco mencionado. O apelo ao linchamento contém uma lista fictícia de “crimes” cometidos pela ASI e a frase “se um tribunal corrupto não os julgar, haverá quem o faça”, bem como a ameaça de natureza fascista-policial “Sabemos onde vives, sabemos quando dormes”.

Desde o início desta onda de repressão contra a ASI, muitos dos seus membros estão sob constante vigilância policial e são regularmente ameaçados e interrogados pela polícia. A polícia criou uma atmosfera de medo no seio do movimento, que causou a paralisação de muitos companheiros, e só após a libertação dos 6 de Belgrado começámos a ver os primeiros passos de uma séria reconstrução do movimento e da Iniciativa Anarco-Sindicalista. Apesar de ter desestabilizado partes do movimento, e de ter de facto empurrado a nossa organização para a ilegalidade por um período determinado, a onda de repressão não nos destruiu, e agora, enriquecidos com novas experiências e fortalecidos nas nossas ideias, conseguimos construir posições que nos permitirão começar a ripostar.

No período que se seguiu à primeira audiência, Ivan Savić e Ratibor Trivunac encontraram-se com o Provedor de Justiça da República da Sérvia Saša Janković e com o seu adjunto para os direitos das pessoas privadas de liberdade, Miloš Janković. Foram-lhes apresentadas provas da tortura sofrida por Ivan Savić, a quem os guardas tentaram extorquir, por meio de estrangulamento, a confissão de que planeava matar o cônsul grego em Belgrado com duas bombas defensivas, e foram-lhes dadas informações sobre as violações dos direitos sofridas por Ratibor Trivunac enquanto esteve detido. Durante a reunião com o Provedor de Justiça, o mesmo foi informado de que qualquer nova escalada legal, sob a forma de casos fabricados contra os anarco-sindicalistas de Vršac e contra os companheiros cujos passaportes foram apreendidos, não será tolerada, enquanto que o Provedor salientou especificamente a privação ilegal de liberdade que foi levada a cabo pelas autoridades judiciais contra Rada e Davor após o fim do limite de 48 horas de detenção. No mesmo período, membros dos seis de Belgrado foram contactados por representantes da União Europeia que propuseram uma reunião a respeito do caso.

Na terça-feira, 23 de Março, realizou-se a segunda audiência contra os seis anarquistas de Belgrado. Chantageados com a possibilidade de adiamento do julgamento por mais um mês e de prolongamento do processo-farsa por tempo indeterminado, os réus foram forçados a participar na segunda audiência sem a presença do público interessado, que de novo se reuniu em grande número nos corredores do tribunal. Mesmo os familiares próximos foram impedidos de acompanhar a audiência. Os acusados e os seus advogados apenas puderam tomar conhecimento de que as acusações tinham sido alteradas de “terrorismo internacional” para “criação de perigo público” através dos media, que divulgaram a declaração do porta-voz do gabinete do ministério público Toma Zorić. Nem os acusados nem os seus advogados foram informados de qualquer mudança na acusação antes da segunda audiência e só puderam tomar conhecimento da mesma no dia do julgamento – durante a pausa que lhes foi concedida para esse fim pelo juiz Dragoljub Gerasimović, que agora está a conduzir o julgamento de forma sumária. Segundo a nova acusação, os seis anarquistas de Belgrado são acusados de cumplicidade e execução do ataque contra a Embaixada da Grécia em Belgrado com o objectivo de apoiar o rebelde grego Theodoros Iliopoulos “cometendo, portanto, um crime de criação de perigo público”. A mudança da acusação foi produzida por uma nota do gabinete do

Ministério Público de Belgrado em 22 de Março e foi entregue a um tribunal superior em Belgrado. A nota afirma na primeira frase que os documentos do objecto criminal K-1633/10 são devolvidos ao tribunal “juntamente com a acusação alterada que indica que”, repetindo a seguir quase literalmente o texto da primeira acusação, no qual, sem qualquer explicação, somente foram alterados o nome do crime de que os réus são acusados e os parágrafos da lei criminal que são geralmente usados para este tipo de casos. Contrariamente à primeira acusação, devido à pressão pública, o gabinete do ministério público decidiu abandonar a tentativa de criminalização da nossa organização. Assim, nesta versão da acusação, não existe a afirmação de que o ataque foi levado a cabo pela organização da Confederação Sindical “Iniciativa Anarco-Sindicalista” (ASI). Baseando-se na acusação fabricada, qualificando pela segunda vez como crime pelo qual os 6 de Belgrado são acusados o pequeno delito praticado por indivíduos desconhecidos em frente da Embaixada da Grécia em Belgrado, o Estado dá continuidade à repressão sobre libertários e membros proeminentes da nossa organização. As contradições que constituem larga parte da acusação são a base através da qual a defesa dos acusados tem vindo a demonstrar, com grande sucesso, o vazio das acusações do ministério público. Como exemplo, foi de novo confirmado que Ivan Savić e Nikola Mitrović não estiveram

presentes no local dos acontecimentos, ao contrário do que é indicado na acusação. A próxima audiência do julgamento, na qual é muito provável que o veredicto seja produzido, está agendada para 23 de Abril. Então, será ouvida mais uma testemunha da defesa e serão feitas as alegações finais.

A Confederação Sindical “Iniciativa Anarco-Sindicalista”, com o apoio do movimento libertário na Sérvia e em todo o mundo, e de toda a opinião pública democrática, exige que o Estado Sérvio retire as acusações absurdas contra os 6 de Belgrado e pare completamente com o processo-farsa de que são alvos. Também exigimos que as acusações contra os três companheiros detidos em Vršac e contra os dois detidos no julgamento sejam retiradas, pondo fim a estes processos. Exigimos que os passaportes sejam devolvidos a Davor e a Rada, e assim permitir que regressem às suas casas. É de extrema importância continuar a pressionar o Estado da Sérvia até que o veredicto contra os nossos companheiros seja produzido, e com este objectivo espera-se a realização de acções de protesto até 23 de Abril e uma grande afluência no próprio julgamento. A solidariedade é a nossa arma!

Belgrado, 4 de Abril de 2010

**Secretariado internacional da Confederação Sindical “Iniciativa Anarco-Sindicalista”**, secção sérvia da Associação Internacional dos Trabalhadores

## Pontos de vista

# A condição da mulher hoje

Assinalaram-se este ano os cem anos do dia da mulher, que foi proposto como dia “oficial”, para lembrar a condição de explorada e não emancipada que a mulher teve até essa data.

Segundo consta, o dia da mulher foi proposto pela conhecida teórica marxista Clara Zetkin num congresso de mulheres socialistas.

Mas o que se pretendeu com esta comemoração?

Quais os objectivos e as conquistas da mulher antes e depois desta data?

Há que distinguir entre feminismo e libertação da mulher/homem do jugo da exploração capitalista e patronal, há que distinguir a libertação feminina dos poderes autoritários patriarcais e maritais.

Para muitos que observaram as lutas e conquistas das mulheres desde o aparecimento do movimento feminista e do movimento sufragista, pode dar-se a má interpretação das lutas femininas não como uma libertação face ao poder do homem na família e no mundo do trabalho, mas como uma sobreposição face a este e também uma conquista de poderes até aqui reservados ao sexo masculino.

Devemos nós anarquistas esclarecer a diferença entre as nossas posições anti-

autoritárias e o feminismo oficial de conquistas reformistas, que vê muitas vezes o homem como algo a combater e não de forma igualitária, pensar no âmbito homem/mulher como vítimas de uma sociedade castradora e exploradora pela combinação do Estado/capital/religião e tudo o que advém da sua acção sobre o ser humano no seu sentido único e não separado pela diferença sexual.

Já Emma Goldman observava que as mulheres do seu tempo nos movimentos sufragistas e feministas reclamavam como direitos principais o direito ao voto, tal como tinha o homem, e também os mesmos direitos que assistiam dentro do casamento burguês ao marido.

Convenhamos que para uma libertária como Emma o direito ao voto como já tinha o homem era tudo menos importante no quadro da exploração estatal e política da qual o ser humano era e é vítima, assim como para uma defensora do amor e uniões livres, os direitos dentro da união civil e religiosa deveriam ser questão menor.

E hoje, quais são as lutas de interesse para a mulher e suas conquistas em Portugal e no mundo? A mulher dos dias de hoje, segundo estudos efectuados, trabalha mais

horas do que o homem e ganha menos em termos salariais.

Hoje a mulher trabalha e muitas vezes não depende financeiramente do esposo, mas é vítima de altíssimas taxas de violência doméstica, o que é algo a combater.

A mulher hoje pode votar e também ascender a lugares de poder empresarial, económico, capitalista e político, no entanto, também é vítima destes mesmos poderes tal como o seu parceiro masculino.

Por estes e outros motivos de exploração da mulher actualmente, a luta deve ser movida não pelos mesmos motivos dos originais e não caindo no oficialismo comemorativo do dia da mulher, mas partindo do princípio da exploração essencialmente vinda do sistema capitalista e dos seus males que atacam homem e mulher, combatendo-o assim como ao Estado e não participando na vida política como antes se pretendia com o desejo de voto, mas vendo agora o voto como algo prejudicial no quadro da exploração da mulher, visto que este “direito” é produtor da quase totalidade da exploração de que a mesma mulher é alvo.

**Rui Castro**

## Primeiro de Maio Antiautoritário e Anticapitalista em Setúbal

O 1º de Maio antiautoritário e anticapitalista realizou-se este ano em Setúbal, com a participação de cerca de cinquenta pessoas explicitamente anarquistas e anarco-sindicalistas.

A manifestação teve início no Largo da Misericórdia às 13.30 horas, percorrendo as ruas da cidade sadina até à Praça do Quebedo. A partir daqui a marcha antiautoritária juntou-se à cauda da manifestação do 1º de Maio convocada pela CGTP, constituindo um bloco com uma mensagem bem destacada.

Por algumas das principais ruas de Setúbal, a manifestação avançou levada por diversas frases como *A Liberdade está nos nossos corações, nem polícias nem patrões* ou *Nem Estado nem Patrão, Autogestão*, entre outras. Nalgumas faixas figuravam frases contra o 1º de Maio institucional e festivo: *1º de Maio não é festa, é solidariedade, auto-organização e combate; Face à exploração não cruces os braços, organiza-te e luta; Rebeldes e organizados, Nós damos-lhes a crise; Greve Selvagem. Acabar com a economia para sair da crise. Expropriação. Ocupação...* Nessa mesma tentativa de alertar para a necessidade de um 1º de Maio mais combativo, mais pessoas, no seio da manifestação, distribuíam os seus textos aos transeuntes. A manifestação terminou na Avenida Luísa Todí.



### Assina o Boletim Anarco-Sindicalista!

#### Assinatura:

Seis números por 5 euros (custos de envio incluídos)

#### Modo de pagamento:

Enviar cheque ou vale postal à ordem de "AIT - Secção Portuguesa" para:  
Apartado 50029 / 1701-001 Lisboa

#### Distribui o Boletim Anarco-Sindicalista na tua zona!

Procuramos quem possa fazer chegar o Boletim a mais gente interessada...

#### Contacta-nos!

### Locais de venda do Boletim:

#### Almada

##### Centro de Cultura Libertária

Rua Cândido dos Reis, 121, 1º Dto – Cacilhas  
(horário: sábados das 16h às 19h)

#### Lisboa

##### Livraria Letra Livre

Calçada do Combro, 139  
(horário: 2ª a sábado, das 10h às 20h)

#### Porto

##### Sindicato de Ofícios Vários – AIT-SP Porto

Terra Viva  
Rua dos Caldeiros, 213 (à Cordoaria)  
(horário: 5ª das 19h às 22h)

##### Livraria Gato Vadio

Rua do Rosário, 281  
(horário: tarde - 5ª a domingo das 15h às 19h30; noite - 3ª a domingo das 19h à 1h)



## feira do livro ANARQUISTA

21, 22 e 23 de maio 6ª feira das 16h às 24h  
Sáb. e Dom. das 14h às 24h

A partir das publicações, do convívio e dos debates queremos partilhar experiências, discutir ideias e possíveis esforços futuros na luta contra a autoridade em todas as suas formas e manifestações.

Numa tentativa de descobrir potenciais cúmplices, continuamos a dar importância à palavra escrita enquanto ferramenta de comunicação e ataque.

B.O.E.S.G.  
R. das Janelas Verdes nº13, 1º Esq.  
(Santos)  
LISBOA

feiradolivroanarquista@gmail.com  
feiradolivroanarquista.blogspot.com

A Feira do Livro Anarquista realiza-se este ano nos dias 21, 22 e 23 de Maio, no espaço da BOESG (Rua das Janelas Verdes, 13, 1º Esq), em Santos, Lisboa.

O programa da feira pode ser consultado em <http://feiradolivroanarquista.blogspot.com>

Toda a correspondência para o Boletim Anarco-Sindicalista deve ser enviada para:

Apartado 50029 / 1701 - 001 Lisboa / Portugal

E-mail: [aitport@yahoo.com](mailto:aitport@yahoo.com)



O Boletim Anarco-Sindicalista em PDF, a partir do número 22, pode ser descarregado da Internet em:  
<http://ait-sp.blogspot.com>